

4 O primeiro livro

4.1 Pedro Ícaro no Oriente

*Impressionante como os idiotas viajam.
Agora o que tem de idiota que não viaja
É mais impressionante ainda.*

— *Luiz Olavo Fontes*

Pedro Ícaro abriu os olhos e viu o oriente a cadeia de montanhas mais arrebatadora que nem em seus sonhos imaginou encontrar neve derretendo-se em lagos e rios sagrados ao redor distribuía-se todo o imaginável enfeites temperos roupas caixas joias tapetes bonecos as pessoas as pessoas foram surgindo primeiro aos poucos depois mais e mais às dezenas aos milhares ao bilhão muito tudo ali era muito a loucura poderia ser isso uma senhora oferece balas coloridas um cachorro relaxa à sombra as mulheres adornam-se com flores o quarto é o lago de águas claras e algas no fundo o quarto é o lago e o sol o vaivém da marola pelas ruínas do forte crescem plantas por entre as pedras junto à encosta há uma trilha o sol poente vermelho encosta no espelho d'água duplica-se o casco do barco de pesca escorrega facilmente pela areia empurrado pelo grupo de homens a vendedora de frutas passa com sua criança um velho de poucos panos e sandálias toca uma flauta ao lado do boi com os chifres pintados mulheres tiram água de um poço divina pobreza antiga a cada nova praia uma formação rochosa particular pedras se misturando com o limo erosão bater das ondas tudo o que ficou para trás ao partir milhares de anos de decomposição elementos misturados pessoas virando coisas virando bichos chovendo de volta ao mar corpo mente e alma ser o vegetal ser o tigre e suas listras estudar a partitura homens altivos nitidamente limpos frescos do banho matinal serenos graves como estátuas ele percorria a balbúrdia das praças divertia-se com o jeito desajeitado do elefante ao caminhar pelas ruas da cidade trens lotados asfixia do que é urbano o choro entrava pela janela do quarto no fim de dois dias podia ver o cortejo cruzando as ruas depois daquele palácio começa a areia é preciso cruzar o deserto viajar entre poços cavados na terra seca o deserto está crescendo e então são apenas dunas ventania de grãos

poucos oásis coqueiro solitário sombra perfeita camelos e mercadores os traços fundos de seus rostos cavados pelo sol cabanas os escultores de mármore e a música que vem de longe quase inaudível caminemos até lá as miragens são sempre belas é preciso ouvir de perto a cobra escreve seu rastro na areia o pássaro é uma caligrafia no ar a vaca magrinha puxando um carro pesado as caixas de abelha lado a lado a gaiola cheia de galinhas as estradas sinuosas que nos levam à cidade safira búfalos negros curvos e mansos a flauta que encanta a serpente os negócios as trocas as vendas e muitas barganhas cestos cheios de grãos ervas panos flutuantes de todas as cores os tecidos mais cobiçados do mundo todos os que cruzaram o mundo antes dele por um punhado daquelas raridades todos os espectros da cultura humana ao longo dos verdes jardins o dia límpido o vale campos de arroz e cereja plantação de papoulas madrugadas seculares nem lembrava mais quem era antes de chegar ali pedro quem o céu recosta-se no espaço e tudo continua árvores gigantescas os delicadíssimos dedos da dançarina pingentes bolas feltros vermelhos pulseiras filigranas de marfim e ar muita fumaça aromas de fruta flor óleo fervente o vapor de pedra esculpida a poeira que jaz em tudo os mortos os monges o chá o etéreo a sabedoria de outros tempos os sons e as línguas que nunca se imaginou escutar mas compreende-se sempre o cego vai sendo levado pelo menino sorri de olhos fechados vê constantemente o profeta entre arabescos de mil voltas um verso antigo uma palavra imortal sozinha então deus ajeita-se na cadeira busca posição mais confortável e as estrelas são diluídas numa nova luz Pedro Ícaro gasta-se todo em lembranças e tão logo aquilo tudo se espalhou pela sua vista como o expandir de uma expiração foi recolhido novamente lagos dobrando-se sobre plumas todas as cores dos mercados evaporando como incensos pavões adentrando as pratarias as pessoas recolheram-se nas montanhas em suas casas orações nos diversos templos os finos véus nuvens desenroladas brumas tudo desvaneceu-se inalado evaporou por entre odres de leite sonhos e silêncio mais nada.

4.2

Antes e depois: Pedro Ícaro de volta ao Ocidente

Como foi que aquilo tudo tinha começado? Pedro Ícaro se lembrava daquela tarde azul de outubro em que seu amigo João Grenada apareceu em sua casa dizendo que não aguentava mais aquele país e decidira viajar para a Ásia. Ele, sem personalidade alguma, decidiu ir também. O dinheiro, foi produto da venda do carro, dos móveis, da geladeira e de tudo o mais que conseguiram vender. Além disso, tinham algumas economias — que ambos, no fundo, sabiam que iriam desaparecer num futuro não muito distante. Difícil não foi arranjar dinheiro, mas sim se separar das pessoas, de uma vida que voava de vento em popa. Não é fácil largar tudo de uma hora para a outra. Levantar âncoras!

Durante todo o tempo de sua viagem, Pedro Ícaro manteve um caderno de escritos, que carregava para cima e para baixo. Ensaiou algumas poesias, ainda tímidas, pouco trabalhadas, mas que já continham o gérmen de um futuro bom poema. Também intercalou esses momentos líricos com a manutenção de um diário, onde escrevia suas impressões e contava os acontecimentos do dia. Ele tomou o ato de completar as páginas do caderno como um desafio e, todas as noites antes de dormir, progredia mais um pouco. Desenhos eram bem-vindos. Ao longo do dia, quando saía para a cidade, o caderno também servia como bloco de anotações para contatos e nomes de pessoas queridas. Ele sentava-se em um restaurante ou praça e continuava escrevendo ali por horas. No penúltimo dia de viagem, uma coisa inusitada aconteceu: Pedro Ícaro perdeu sua mochila, com seu caderno dentro.

Ir ao Oriente não é uma coisa qualquer. Uma experiência impossível de ser transposta em palavras. Desde o tempo das grandes navegações até hoje, construiu-se um imaginário sobre o lugar que faz com que a notícia de que alguém esteve lá não passasse despercebida. Com Pedro Ícaro não foi diferente. Bastou

voltar e todos queriam saber: “como é o Oriente?”. Para não ter de narrar um épico a cada vez que lhe faziam a pergunta, Pedro Ícaro decidiu escrever um livro sobre sua viagem. Seria melhor do que estrear com um livro de poemas, como muitos. E, melhor ainda, seria uma maneira de reconstituir as memórias do caderno de viagem perdido, fazer jus aos antigos escritos.

Como falar sobre o que viveu no Oriente? Como falar sobre o que viveu? Como falar? Como? Quanto mais Pedro Ícaro tentava, mais se sentia impedido de falar sobre a viagem. A pergunta sobre “como é o Oriente” era ampla demais. Queriam que ele definisse um espaço gigantesco em palavras. Eram tantas as vivências e percepções que não sabia nem por onde começar. Além do que, tinha apenas feito uma viagem e não morado por lá durante anos. Como não ser parcial em suas definições, impreciso em última instância? Seria impossível. Enquanto quisesse ser fiel ao que viu e viveu durante a viagem, permaneceria calado. Falar já constitui certa violência.

Única solução possível: transpor a vida e não copiar igualzinho. A verdade do Oriente transposto no livro seria uma outra verdade; não a que ele viveu no Oriente. Poderia ser até oposta. Afinal, tudo em arte é descoberta e transposição. O material da literatura é a língua. A gente escreve o que ouve — nunca o que houve. Assim, seu relato de viagem não pretenderia mais dar conta do todo, nem esconder seus artifícios. Ao reescrever o seu caderno perdido e reconstituir suas memórias de viagem, Pedro Ícaro assumiu seu relato como invenção, como um jogo ou, mais ainda, uma brincadeira. Seu livro de viagem tanto não é o Oriente, quanto um álbum de fotos do Oriente não é o Oriente, um mapa do Oriente não é o Oriente. Será o Oriente o Oriente?

Seu amigo João Grenada foi um dos primeiros a ler os originais. Afinal, ele tinha estado ao lado de Pedro Ícaro por boa parte da viagem e era um dos principais personagens do livro. O telefone de Pedro tocou. Era João. Não tinha

gostado nadinha da forma como havia sido retratado. O que era para ser lido como homenagem foi lido como deboche. Citações ao jeito do outro foram entendidas como críticas. Pedro Ícaro anda tentou amenizar, dizendo que talvez sempre sejamos um pouco cruéis ao construir um relato sobre o outro. João não quis entender e disse que não aprovava aquela versão e que também escreveria o seu relato, onde um certo “Pedro Ícaro” seria retratado no auge de sua maldade e seu egocentrismo. Conflitos de amigos. Bem, mas depois de tudo o que brigaram ao longo da viagem, aquilo também haveria de ser superado. Pedro Ícaro seria uma espécie de cronista da vida contemporânea, e viajar com ele tinha mesmo o seu preço. Manteria João no livro, mas alteraria seu nome de um modo besta e reconhecível.

O livro *Percurso do Oriente*, de Pedro Ícaro, surgiu assim, como uma contrapartida a essa viagem, à loucura do seu trajeto naquele mundo desconhecido. O contato com culturas tão sofisticadas e diversas da nossa é algo fascinante. Pedro Ícaro foi marcado por esse encontro. Algo no Oriente, quiçá o próprio Oriente, havia levado Pedro Ícaro a escrever. Não dez ou vinte linhas, mas um livro inteiro sobre sua experiência. Isso é que era magnífico, mais magnífico do que qualquer país distante. O “seu” primeiro livro era resultado do encontro com o “outro”.

Pedro Ícaro não se controlou e fez mais uma lista, com o nome de alguns desbravadores do Oriente que lhe vieram à cabeça: Alexandre III; Jesus Cristo; Vasco da Gama; Cristóvão Colombo; Marco Polo; Luís de Camões; Fernão Mendes Pinto; Álvaro de Campos; Richard Francis Burton; Edward Morgan Forster; Thomas Mann; Madre Teresa de Calcutá; Cecília Meireles; Os Beatles; Allen Ginsberg; Gary Snyder; Peter Orlovsky; Octavio Paz; Robert Thurman; Timothy Leary; Pedro Lage; Luiz Olavo Fontes; Guilherme Levi; Lucas Viriato; Botika; Carlos Andreas; João Grenada; Pedro Ícaro... Parou e pensou: “não será de mau tom ficar citando a si mesmo?”.

O projeto hercúleo de enquadrar o Oriente em palavras. A viagem tornando-se apenas uma justificativa para a grande brincadeira de linguagem. A pseudolegitimação de ter “ido até lá”. Pedro Ícaro inventa cidades, pessoas e situações. Sem pudor para entreter e distrair o leitor. A poesia aparece como saída para as angústias quanto à impossibilidade de apreender a realidade. O livro era mais barato do que a passagem.

Percurso do Oriente estava pronto. Quase uma centena de páginas digitadas e impressas. Leopoldo Fonseca, seu renomado professor, havia lido e aprovado o conteúdo. Surgia, assim, após muito ensaio, o primeiro livro que Pedro Ícaro realmente estava pronto para publicar. As pessoas queriam saber do Oriente. O livro precisava ser lançado logo. Ele fora até lá e escrevera com dificuldade sobre a sua experiência. Estava com os seus originais prontos para a edição. Só havia um problema: ele não tinha uma editora.

4.3

A busca epistolar de Pedro Ícaro por uma editora

Leopoldo,

imagino que você esteja ocupado com as aulas, seu novo livro e tudo o mais. No entanto, gostaria de te perguntar a respeito daquela história sobre o meu livro do Oriente. Aquele dia, quando conversamos, você perguntou se eu tinha algum contato, e eu disse que a Alice veria com algumas editoras que o pai dela conhece. Mas estou achando que não dará em nada. Será que você poderia ajudar? Quando puder, se puder. Sem pressa.

Um abraço, Pedro

Pedro,

acho que você poderia tentar a editora Antigua. Eu conheço o dono, o Luiz Chamas, e poderia pôr você em contato com ele. O que você acha?

Abraços, Leopoldo

Leopoldo,

acho fantástico! O endereço da editora é na praça Mahatma Gandhi, um bom sinal.

Abraços, Pedro

Pedro,

vou escrever para o Luiz agora mesmo. Foi isso que a gente combinou, não foi?

Abraços, Leopoldo

Leopoldo,

foi isso mesmo. Amanhã levarei seus livros do Whitman de volta — saí do emprego...

Abraço e obrigado, Pedro

Oi, Leopoldo,

estou escrevendo para lembrar de darmos um toque no Luiz Chamas, para ver se

ele já olhou o material.

Abraços, Pedro

Ah, sim. Foi bom me lembrar. Vou escrever agora mesmo.

L.

Pedro,

o Luiz se interessou pelo seu livro. Ele pede que você mande em Word ou PDF

para o endereço dele, que é editor@antigua.com.br.

Um abraço, Leopoldo

Olá, Luiz,

*meu nome é Pedro Ícaro e sou aluno do Leopoldo Fonseca no curso de Letras. Estive no Oriente por uns meses e, como soma das vivências da viagem, escrevi o *Percurso do Oriente*. O livro é um registro reinventado de minhas impressões e experiências e dialoga também com outras referências literárias. São fragmentos, ora tendendo para a poesia, ora para a prosa, ora para a prosa poética. Alguns são bem humorados, outros lúdicos e há também os reflexivos. Como resultado, um relato de viagem diferente do tradicional. Como o Leopoldo falou que você tinha se interessado pelo livro, envio o texto em Word para você conferir o material. Espero que goste e aguardo um contato.*

Um abraço, Pedro

Leopoldo,

Já enviei para ele. Muito obrigado por tudo.

Abraço, Pedro

Olá, Janine,

*Como vão as coisas? Foi bom o começo do ano? Por aqui está tudo ótimo. Recomecei meu curso de Letras e já estou no último mês, entrando nos trabalhos finais. O jornal que faço com o pessoal da faculdade, o *Papel Almoço*, foi relançado, e já está no número 13. Conseguimos deixar tudo em dia, contratar uma boa diagramadora e reorganizar a equipe de modo que, pela primeira vez desde que começamos o jornal, temos uma edição adiantada — saindo do corre-corre de entregar tudo em cima da hora. Resumindo, estou começando a ter uma perspectiva de tempo livre. Meu livro contando a viagem ao Oriente foi entregue por um professor meu, Leopoldo Fonseca, que é muito bom poeta, (recomendo), para o dono de uma editora (*Publicações Antigua*). Mas isso já faz mais de treze dias e até agora nada. Vai ver ele pensou que alguém que escreve um livro sobre o Oriente deve trabalhar virtudes como a paciência... Guardarei para sempre as lembranças do tempo que passei aí, foi inesquecível. Muito obrigado novamente*

por receber a mim e ao João Grenada — encontrei com ele essa semana e pediu para eu te mandar um beijo. Mande notícias. Abraços para o Zé e para todos os empregados (foram muito gentis).

Um beijo, Pedro

Pedro,

Só para lhe dizer que reli o livro, e gostei muito. O Luiz já deu algum retorno?

Abraços, Leopoldo

Oi, Leopoldo,

Fico muito contente que tenha gostado. Você sabe que a sua opinião é da maior relevância para mim. Bem, quanto ao Luiz, ele não respondeu. Depois daquele seu último e-mail eu escrevi para ele novamente, enviando o livro. No e-mail me apresentei, falei que era seu aluno e expliquei brevemente a proposta do livro. A única coisa que eu achei um pouco chata é que ele nem respondeu nada. Nem um “recebido, não estou com tempo agora, depois conversamos...” É só porque fico esperançoso a cada “enviar/receber”. Mas vamos indo, paciência e determinação.

Um abraço, Pedro

Pedro,

As editoras recebem muito material. Mas ele bem que poderia ter respondido. E se tentarmos a Roberta Rocha, da Litterys? Ela esteve na faculdade no congresso realizado esse mês pelo Departamento. Poderia ser uma saída. Vou procurar o e-mail dela.

Abraços, Leopoldo

Olá, Roberta,

Não sei se está lembrada de mim, sou o Pedro, um dos editores do jornal Papel Almoço. Fomos apresentados pelo Leopoldo Fonseca, durante o congresso de

Literatura este mês lá na faculdade. Naquela ocasião, ele comentou com você que eu tinha escrito um livro sobre a minha viagem ao Oriente e estava procurando uma editora. Tentei uns contatos que não foram para frente. Mas estava muito interessado em fazer o meu relato de viagem chegar até os leitores. Como você se mostrou interessada, finalmente escrevo para renovar o contato. Gostaria muito de lhe mostrar o material, como podemos fazer? Posso enviar por e-mail ou via correio.

Beijos, Pedro.

Pedro, olá,

Pode mandar por e-mail, se for mais fácil e todo o texto estiver digitado como você deseja, para eu poder avaliar o seu material. Se houver ilustrações que não estejam incluídas, poderá mandá-las por correio para que eu saiba como gostaria de compor o livro. Aguardo seu retorno.

Bjs, Roberta Rocha

Roberta Rocha,

Então aqui está o material, no anexo. Não tenho ilustrações. O livro é composto de fragmentos, que não sei como ficariam melhor diagramados. Temos que ir conversando, queria saber sua opinião também.

Um beijo, Pedro Ícaro

Pedro Ícaro,

Obrigada, vou olhar o material para lhe dizer. A diagramação é algo que faz parte do projeto gráfico, montado depois da revisão. Logo lhe dou retorno sobre o seu texto.

Bjs, Roberta Rocha

Pedro Ícaro,

Seu texto é excelente, muito curioso e instrutivo. Descobri coisas ótimas. Agora é uma questão de custo. Precisamos saber o quanto você tem para gastar, para viabilizarmos a edição. Pode-se montar as sequências dos textos página a página, ou mais de um texto numa mesma página, dependendo do número total de páginas que o livro deva ter. Mais papel, mais custo. Depois é o prazo. O que

também vai depender da sua disponibilidade. Se quiser conversar melhor, podemos marcar uma reunião, ou bater um papo por telefone mesmo para adiantar esses dados. Teríamos de fazer um pré-projeto para orçar quanto o livro sairia para imprimi-lo ao custo com que você poderia arcar. Você tem meus telefones, assim que puder, ligue.

beijos, Roberta Rocha

Leopoldo,

Tudo bem? Estive em contato com a Roberta Rocha esses últimos dias. Ela gostou do livro. Mas parece que tudo é uma questão de dinheiro. No final das contas, ela me falou, ao telefone, que o livro tal qual eu o imaginei não sairia por menos de 10.000! Achei muito acima do que tenho para gastar nesse projeto. Assim, voltamos à estaca zero. Muito obrigado por tudo do mesmo modo. Essa ajuda que vem me dando é fundamental.

Abraço, Pedro

Pedro,

Infelizmente, é comum os autores bancarem os seus livros de estreia em nosso país. Principalmente em se tratando de poesia, que não vende, e tem um público reduzido. Muitos autores célebres, como Drummond e Murilo Mendes, arcaram com suas publicações. Eu mesmo banquei o meu primeiro livro. Depois fiquei com uma centena de exemplares no armário para distribuir para a família e os amigos. No início é assim mesmo. Temos que considerar que a nossa cultura pulou direto do analfabetismo para a cultura digital imagética, sem passar pela universalização da escrita e da leitura como os países ditos desenvolvidos. Mas não vamos desistir. Pensei ainda em outra possibilidade: a Sophia Amaral, que é poeta e também estava na mesma mesa que a Roberta Rocha. Ela trabalha na Editora Conceito e pode ser uma opção. A editora é conhecida por lançar novos talentos. O e-mail é sophia@editoraconceito.com.br. Também vou escrever agora para ela para falar sobre seu livro. Falamos mais na quinta.

Abraços, Leopoldo

Oi, Sophia,

Aqui é o Pedro Ícaro, aluno do Leopoldo Fonseca, tudo bem? Assisti a sua mesa no congresso do mês passado lá na faculdade. Cheguei a te convidar para uma entrevista no jornal Papel Almoço, lembra? Mas escrevo dessa vez por um outro motivo. Acabo de terminar o meu livro, chamado Percurso do Oriente, e gostaria muito de conversar sobre as possibilidades de publicação pela Editora Conceito. Falei com o Leopoldo e ele sugeriu entrar em contato. Como fazemos? Te mando o material? aguardo um contato.

Desde já agradeço e um abraço, Pedro

Oi, Pedro,

Tudo bem? Lembro de você sim, claro! Aliás, me envergonho de não ter conseguido dar sequência à nossa entrevista... às vezes eu acabo me ocupando com muitas coisas (que eu gosto, claro!) e, no fim, não consigo dar conta de tudo (e fico numa situação chata...) Sobre seu livro, pode mandar por e-mail mesmo. Daremos uma olhada e te retorno.

Um abraço, Sophia

Sophia,

Que bom que se lembra! Entendo a correria quanto à entrevista, não se preocupe. No anexo, segue o livro. Ele é composto de fragmentos curtos, alguns poéticos, outros narrativos, contando minha experiência no Oriente. Espero que goste!

Um abraço, Pedro

Pedro,

Tudo bem? Escrevo porque seu livro foi avaliado e aprovado para publicação pela Conceito. Ele foi analisado por outras pessoas, mas eu li aqui também e gostei muito dos seus minicontos e de como você constrói a narrativa. Tomara que possamos editá-lo! Normalmente, para viabilizar as edições, sobretudo de livros de ficção e poesia, precisamos de uma parceria com o autor, que compra

uma cota de livros de modo a viabilizar os custos de produção. Costumamos enviar duas opções de compra, para diferentes tiragens. Achamos que seu livro cabe muito bem dentro de um formato quadrado que temos feito aqui, o 14X16 e chegamos a paginar o livro apenas para ver o número de páginas final. (claro que discutiremos a questão do formato e projeto com mais calma...) Caso você tenha interesse, posso enviar algumas propostas de orçamento.

Um abraço, Sophia

Oi, Sophia,

fico contente. Tenho interesse, sim. Aguardo suas propostas de orçamento e espero que possa arcar com os custos...

Um abraço, Pedro

Pedro,

envio em anexo duas propostas de orçamento: para tiragens de 600 e 1000 exemplares. Como disse na outra mensagem, normalmente nossa proposta de edição é de uma parceria com o autor, que compra uma cota de livros de modo a viabilizar os custos de produção. Os valores totais costumam ser amortizados com a venda do lançamento (no caso, os livros vendidos são os da cota do autor), e costumamos dividir o total em 3 ou 4 parcelas, sem juros, ficando o prazo de produção entre 60 e 90 dias. Coloquei outro formato no orçamento (que é um formato mais genérico, o 14X21, mas o aproveitamento é o mesmo para aquele outro formato que sugeri). Espero que alguma das propostas seja viável para você, e para quaisquer esclarecimentos, estamos à disposição para conversar. Pode me telefonar no celular ou então ligue aqui para a editora

Um abraço, Sophia

Oi, Sophia,

estou em viagem. Mandei a proposta para minha mãe, que irá ajudar-me a bancar a edição. Assim que voltar, te escrevo, ok? Precisamos nos encontrar para conversar sobre o projeto: diagramação, capa... Queria que o Leopoldo escrevesse a orelha.

Abraço, Pedro

*Oi, Pedro,
guardo então seu contato na volta. Fico contente que faremos seu livro...
Também estou indo viajar na terça-feira até dia 21... Vou participar de um
festival de poesia.*

Um abraço, Sophia

Oi, Sophia,

já estou de volta! Em relação ao livro, falei com a minha mãe e está tudo certo.

*Faremos os 1000 exemplares. O que você acha de 4 parcelas de 1.600? Fica bom? Se não, pensamos em outra coisa. Vi o formato que você sugeriu. O ideal era seguir a ideia de um fragmento por página. O que acha de marcarmos um café para conversar sobre essas coisas, minhas expectativas quanto ao projeto,
etc...*

Um beijo, Pedro

*Pedro,
conversei com o Pierre, dono da editora, e está ótima a proposta de quatro parcelas para o pagamento. Mando em anexo uma minuta de contrato para você dar uma olhada. E, quando puder, me mande, por favor, seus dados (nome completo, CPF, RG e endereço com CEP). Realmente acho que seria legal conversarmos ao vivo sobre essas questões como formato, projeto gráfico etc. Será que você topa vir aqui um dia? A gente podia se encontrar ali na livraria da esquina ou aqui na produção, como você preferir. Que acha? Preciso também fechar com você a data de assinatura do contrato, que será a data de pagamento da primeira parcela. Quando é bom para você?*

Um beijo, Sophia

Olá, filho,

que bom que está tudo se encaminhando... Pelo visto desta vez vai andar! Boa

sorte!

Beijo

*Oi, Sophia,
o café da livraria pode ser bom, mas também tenho curiosidade de conhecer a
produção.*

Beijo, Pedro

Oi, Pedro!

*Mando os dados bancários da editora, vou começar o trabalho aqui e logo nos
falamos.*

Um beijo, Sophia

Mãe,

*ai vão os dados bancários da editora. Nos falamos depois para eu te dar a minha
parte.*

Beijo

Oi, Sophia,

*ontem fizemos o depósito na conta da Editora Conceito. Passei um fax com os
detalhes.*

Beijos, Pedro

Ótimo, já vou avisar ao Pierre.

Beijos, Sophia

4.4

O lançamento do livro de Pedro Ícaro

*O artista é dos pés à cabeça pinceladas sem nexo
& está todo mundo olhando.*

— Ismar Tirelli Neto

Pedro Ícaro abriu os olhos e viu aquelas pessoas todas que nem em seus sonhos imaginou encontrar juntas perfilando-se em passos e risos conversando ao redor distribuindo-se pelos espaços daquela livraria enfeitada garçons passando com champanhe vinho branco tinto água refrigerante e as pessoas que foram surgindo primeiro aos poucos depois mais e mais aos pares às dezenas muito tudo ali era muito a loucura poderia ser isso todos os que são conhecidos juntos em uma mesma sala sua avó ofereceu flores Sophia e Pierre foram representar a editora e lulu os leitores são os amigos e colegas de faculdade colégio e meio literário os leitores são os amigos e a família e os parentes e conhecidos o vaivém forma uma fila por entre as fileiras de livros em frente à mesa onde ele estava sentado autografando as primeiras páginas duplicando-se em dedicatórias personalizadas a ponta da caneta escorrega facilmente pelo papel empunhada por seus dedos uma poeta urbana adentra o evento e distribui seu livrinho mimeografado não compra o livro mas compõe o recinto João Grenada com cara de poucos amigos passa e dá um abraço ao lado de alice que chega arrumada em vestido de gala tira um presente da bolsa amizade recente e antiga maureen vitor a cada novo convidado uma comunhão momentânea particulares palavras se misturando aos cumprimentos um flash o bater das fotos tudo o que quis transmitir em seu livro milhares de pensamentos concatenados ideias virando poemas virando textos chegando agora aos leitores escrever editar e ser lido ser comentado e criticado estudar uma resposta padrão professores e críticos nitidamente sábios faziam perguntas devemos ser discretos ele havia sido ensinado a evitar tornar-se o centro das atenções como uma estátua não era mais possível a balbúrdia dos coquetéis conhecidos divertindo-se pelo recinto o jeito desajeitado de Leopoldo Fonseca ao folhear alguns livros a livraria lotada carros parando na entrada o ruído da rua entrava a cada vez que alguém passava pela

porta e no fim de dez minutos a venda era efetuada no caixa o estabelecimento ficando com mais de cinquenta por cento do valor de cada exemplar é preciso cruzar os desafios iniciais depois daquele começo as coisas melhorariam é preciso se lançar no mercado o mercado está crescendo e então são apenas números seleção de mais vendidos espaços comprados e poucas obras boas o poeta solitário o truque perfeito os nomes escritos nos marcadores de livros uma dica para os nomes que fogem dos rostos esquecidos pelo branco o preço do que era servido penetras e invasores de eventos vêm de longe comer quase invisíveis caminharam até lá os encontros as surpresas e memórias as emoções são sempre belas é preciso passar por rituais ver de perto a caneta segue seu rastro as páginas e sua caligrafia no ar os olhares trocados perguntas sobre a viagem um autor que admirava acenar cumprimentar parceiros do papel almaço todos lado a lado a livraria cheia de clientes as estradas sinuosas que nos levam à notoriedade à fama futuros curvos incertos o reconhecimento do próprio trabalho é desejo de todos o dinheiro os negócios as trocas as vendas e muitas barganhas remessas chegadas da gráfica o custo do papel a mancha gráfica todos os tipos impressos possíveis os prêmios literários mais cobiçados do mundo mil pensamentos cruzam a cabeça patética mistura de fé e viço todos os que cruzaram o mundo antes dele com um punhado daquelas raridades todos as nuances do que é humano na capa do livro o nome não lembrava mais quem era antes de escrever aquilo Pedro Ícaro entre convidados de mil cantos um verso recém-escrito uma palavra mortal impressa uma parte do investimento de volta elogios então a hora apressa-se em passar rápido quando se está entre amigos uns goles de vinho branco e um novo livro está posto no mundo seu percurso do oriente e tão logo aquilo tudo começou a ficar animado como uma festa foi momento de recolher-se a porta da livraria baixando e poucas pessoas ali sua mãe lhe dá um beijo e volta para casa já Plínio chama todos ao bar os que sobram aceitam o convite e tudo acabou entre goles de chope papo de bar e risadas.

4.5 A sociedade do espetáculo

Se a literatura não existisse esta sociedade não se daria ao trabalho de inventá-la. Seriam inventadas as cátedras de literatura e as páginas de crítica dos jornais e as editoras e os coquetéis literários e as revistas de cultura e as bolsas para pesquisa mas não a prática arcaica, precária, antieconômica, que sustenta toda a estrutura.

— Ricardo Piglia

Logo assim que passou o lançamento, achou que o seu trabalho estava acabado. Ledo engano. A princípio, a publicação deveria ser o fim das tarefas do escritor. Contudo, um sem-número de atividades ainda estava prevista: desde as que só cabiam ao próprio autor (como dar entrevistas e palestras sobre a obra) até as que deveriam estar a cargo de outros, mas que, na falta de quem fizesse, sobravam para ele (como a distribuição, a divulgação e a assessoria de imprensa). Por mais que o *Percurso do Oriente* tenha ficado bem acabado, e a relação pessoal com Sophia tivesse sido das melhores, a editora era pequena, com capacidade de distribuição limitada. Sem contar que a maior parte dos livros estava com Pedro Ícaro e não com a Conceito. A outra possibilidade seria contratar uma distribuidora, mas eles ficariam com uma porcentagem tão grande das vendas que, somada à porcentagem da livraria e à da editora, não sobraria nada para ele. Seria o mesmo que dar os livros para que chegassem até o público. E, ainda assim, no momento em que chegassem às livrarias, seriam expostos em locais de pouco prestígio, longe das vistas dos possíveis leitores.

Para sair do labirinto em que ele estava metido era preciso seguir um complexo estratagema: os leitores já precisariam chegar às livrarias procurando sua obra. Caso não tivessem exemplares, os livreiros deveriam correr atrás da editora para consegui-los. Era necessário que o movimento começasse da outra ponta, de baixo para cima. Para isso, era importante que um criador de tendências o citasse, que um grande jornal fizesse uma matéria sobre seu relato de viagem, ou, de preferência, que ele fosse convidado a aparecer em algum programa de TV. Os livros que os leitores mais buscavam eram sempre aqueles que tinham dado origem aos mais recentes filmes de sucesso.

Uma vez pulverizados e questionados os critérios globais de qualidade, a lógica do mercado torna a espetacularização, tanto do artista quanto da obra, a única saída possível para fazer com que o seu conteúdo cultural chegue até o público consumidor. Pois também a arte se consome. Pedro Ícaro só queria ser lido, mas não jogar aquele jogo não parecia uma opção. Como ficar conhecido quando não se é famoso?

4.6 Pedro Ícaro e a (assessoria de) imprensa

*Pleased to meet you, hope you guess my name
But what's puzzling you, is the nature of my game*

— *The Rolling Stones*

Uma vez que Pedro Ícaro passou a tratar com certa “cruza” a necessidade de se tornar conhecido (o que normalmente a hipocrisia pseudointelectual disfarça), procurou os meios para avançar em mais esta etapa de seu caminho. Foi então que o seu amigo de colégio, Vitor Silva, formado em jornalismo e atuante na área, entrou na história. Eles não se viam há algum tempo, porém, após o lançamento recente do *Percurso*, travaram uma longa conversa pelo bate-papo de uma rede social, em que Pedro Ícaro explicou as dificuldades do momento, Vitor telefonou e comentou a situação:

— É Pedro, não é fácil mesmo... Se você for ver, o que temos hoje nos jornais é um guia de consumo disfarçado de caderno cultural. Infelizmente, é uma pressão mercadológica lamentável... Porque botam um monte de porcarias em destaque e chamam de literatura. Sei que isso é outra discussão para vocês da área de Letras, mas sou meio conservador, admito. Também é interessante você falar que o movimento precisa vir de baixo para cima. Vejo que isso acaba sendo uma provocação sutil com o leitor, para ele parar para pensar a sua “lógica de consumo”, se é ele mesmo quem escolhe seu próprio “alimento” intelectual e cultural, e isso vale mesmo para os leitores que se consideram mais “seletivos”. Porque você também coloca que, por outro lado, para o movimento começar “de

baixo”, é preciso um impulso “de cima”, da grande mídia. Pode ser que aí eu possa te ajudar, pelo menos tentar.

— É o mínimo, né? Quantas vezes já não incluí seu nome nos trabalhos da escola em que você não fez absolutamente nada?

— Não começa, não, que eu volto pro serviço, hein? Tô cheio de coisas para fazer aqui, hoje!

— Então, sério, fala logo...

— É o seguinte: vamos tentar emplacar o máximo possível de matérias e reportagens sobre o seu livro. Eu vou tentar conseguir aqui no escritório o mailing dos jornalistas para quem você vai disparar o release. Esses e-mails não são nenhum segredo, em geral são até divulgados no final das colunas, mas conseguir a lista pronta de todos juntos, dá um trabalhão. E isso vale dinheiro, os assessores de imprensa pagam caro por informações como essas. Então, vê lá. Não vá ficar espalhando isso por aí, que eu posso até ser demitido.

— Pode deixar. Fica tranquilo.

— Vamos bolar um texto curto. Jornalista não gosta de ler muito. E também não tem tempo a perder, é tudo para ontem... Tem que ser objetivo. Quando você for escrever, já coloca no assunto do e-mail “Oi, Fulano”. Esse é o melhor título porque o cara recebe milhões de e-mails por dia. A maioria é spam, coisas que não interessam e material de divulgação banal. O seu desafio maior é conseguir que o seu e-mail seja lido. Se isso acontecer, eles já vão ficar envaidecidos de receberem uma mensagem do próprio autor, e não de uma assessora de comunicação da editora. Isso é outro ponto a mais. Nessa apresentação você fala brevemente do livro, meio que puxando um pouco para o lado exótico do Oriente, que é o que mais pode ser visto como “notícia”, mesmo que não seja a tônica do livro.

— Rrrrrrrrrrr...

— Não tem jeito Pedro, é o jogo. Como é que as pessoas vão saber desse “divisor de águas da literatura” se elas nem lêem direito? Você também pode falar da faculdade, pois o livro de estreia de um universitário chama mais atenção. Ah, e não deixe de falar do *Papel Almoço*. O jornal é legal, o nome é bacana, e também pode jogar a favor. Inclua números, jornalistas adoram números (de autores publicados, de textos recebidos, de edições lançadas até agora, a tiragem,

etc.). Aqui, ó. Já consegui o mailing e acabei de enviar pro seu e-mail. Veja aí se chegou.

— Peraí.

— É uma tabela com o nome do jornalista, o veículo, o caderno, o e-mail e o telefone. É uma mão na roda. Você prepara o texto padrão e copia o campo dos e-mails na cópia-oculta do e-mail. Não esquece, hein, Pedro? Na cópia-oculta! Mande de sessenta em sessenta, senão o provedor trava tudo. Marquei em vermelho os cadernos mais importantes, esses você manda um e-mail individualizado pro jornalista, naquele esquema de título que te falei. Mais tarde, você telefona para saber se receberam. Pode mandar o e-mail agora, que é uma boa hora. Mas, para ligar, tem que ser final do dia, porque de tarde são as reuniões de pauta.

— E eu digo o quê?

— Ah, pede para falar com o repórter e diz: “Oi, meu nome é Pedro Ícaro. Eu sou escritor e acabei de lançar meu novo livro. Mande um e-mail mais cedo para vocês com o release, você chegou a dar uma olhada?” Aí, vai puxando conversa. Pergunta se ele acha que existe a possibilidade de dar alguma matéria sobre o livro, essas coisas. Não é vergonha nenhuma encher o saco de jornalista pedindo divulgação, ainda mais você sendo o autor. Todo mundo entende...

— Chegou o e-mail. Estou vendo aqui os que você marcou em vermelho. São só esses poucos mesmo?

— São. Já reparou que essa lógica não é só com os livros? As pessoas também assistem todas aos mesmos filmes, saem de casa ao mesmo tempo em longos engarrafamentos, querem todas ir ao mesmo bar da moda e leem todas o mesmo jornal. Aí, é só falar com os caras certos, que você atinge quem quiser.

— Fantástico...

— Sem ironias... Até porque, no *Fantástico* você não vai aparecer tão cedo, ainda mais escrevendo poesia!

Nesse momento, os dois caíram no riso por uns instantes. Pedro Ícaro foi conferindo os nomes em destaque e observando quais espaços Vitor tinha julgado os mais pertinentes na imprensa. As colunas de notas curtas, em geral, eram as mais lidas.

— Mas, seguinte: e se essa gente toda começar a responder, marcar entrevista, etc.? Eu tô todo enrolado com a faculdade...

— Não se preocupe. Não esquite se a maior parte dos jornais, principalmente os menores, simplesmente reproduzir o seu release palavra por palavra. Às vezes, os grandes também fazem assim. E é por isso que eu te aconselho a fazer um texto enxuto, o mais próximo do que você quer que saia. Explicando tudo de forma clara. Ah, e passe o corretor ortográfico, porque eu já deixei escapar erros que, no “recorta e cola” acabaram saindo em diversas “matérias” pelo país.

— Mas nem esses que você marcou de vermelho fazem entrevista?

— Bem, em geral os jornalistas não têm tempo para sair da redação. Provavelmente, vão mandar o fotógrafo para umas fotos e a entrevista vai ser um bate-papo por telefone, ou até por e-mail. Aí, já vem tudo por escrito. O dia a dia é mesmo corrido... Mas, deixa eu perguntar: a sua editora não deveria estar fazendo isso por você, não?

— Acho que eles mandaram para alguns jornais. Mas, esse trabalho, para sair bem feito, só com muita ralação. Vejo pelo que você está falando. Eles só devem fazer com vontade para os livros que estão realmente interessados em divulgar. E estes, em geral, não devem ser os que já nascem pagos pelo próprio autor...

— Entendo... É, exige sangue e suor, sorrisos e até bombons. Por isso é que existe a profissão de assessor de imprensa. Assim que eu ganho a vida. Você bem que poderia ter feito Comunicação, hein, Pedro?

— Você sabe que, se eu tivesse feito Comunicação, seria para ser cineasta.

— Vixe! Aí, ou você é filho de banqueiro, ou está melhor mesmo como poeta!

4.7

A busca e-pistolar de Pedro Ícaro por um espaço na mídia

Oi, Leila,

*tudo bem? Aqui é o Pedro Ícaro. Enviei para você um exemplar do meu primeiro livro, *Percurso do Oriente*. Será que rende alguma coisa no Caderno de*

Literatura? Estou à disposição para maiores informações. Espero que goste do relato!

Abraço e obrigado, Pedro.

*Oi, Pedro,
tudo bem? Sim, recebemos o livro, obrigada. Recebemos muitas coisas, e é impossível dar conta de tudo. Vou dar uma olhada e ver se conseguimos abrir algum espaço.
Abs, Leila.*

Legal, Leila.

se precisar de qualquer coisa, estou à disposição.

Abraços, Pedro.

Oi, Leila,

tudo bem? Só para lembrar do Percurso do Oriente, se for possível dar uma força.

Abraços e obrigado, Pedro

Oi, Frederico,

meu nome é Pedro Ícaro e há três anos comecei a editar um jornal literário com meus amigos da faculdade. Chama-se Papel Almaço e já publicou mais de 300 autores ao longo desses anos. A tiragem e a distribuição também foram crescendo — de 2.000 cópias rapidamente passamos para as atuais 8.000, circulando em mais de 50 pontos da cidade. Recentemente, estreamos nosso site www.papelalmaço.com.br, que levou todo o conteúdo das edições anteriores para a internet. Acabei de lançar meu primeiro livro, Percurso do Oriente, pela Editora Conceito. O livro conta sobre minha viagem para aqueles lados em um relato não convencional e poético. Você acha que pode interessar fazer uma matéria para a Revista Imprimatur?

Abraço e obrigado pela atenção,

Pedro

*Caro Pedro,
tudo bem? Recebi até o aviso de lançamento do seu livro. Não me lembro de ter recebido o livro propriamente dito, mas tenho aqui uma pilha ainda por abrir. Assim que ele chegar, dou uma avaliada, ok? O problema é que dificilmente vou conseguir dar algo aqui antes de um mês. Esta é uma época complicada, de muitos lançamentos, e ainda estamos com dezenas de resenhas pendentes. Muito livro, pouco espaço, infelizmente é essa a equação. Mas farei o possível para registrá-lo por aqui de alguma forma.
Abraços e parabéns pelo livro, Frederico*

*Oi, Maxuel,
aqui é o Pedro Ícaro, sou um jovem escritor e acabo de lançar meu primeiro livro. Enviei para você um exemplar. Chama-se Percurso do Oriente. Será que isso pode interessar à Folha Jovem? Seria muito interessante conseguir uma matéria, já que tem muito a ver com o caderno de vocês. Que você acha? Se precisar de mais alguma informação, estou à disposição. Segue o release abaixo e imagem da capa no anexo.
Abraços, Pedro*

*Fala, Pedro,
levei o seu livro para a reunião de pauta hoje à tarde. Conversando, percebi que parece que rola uma política de não dar nota de livro, pois, senão ia virar um inferno, todo mundo pedindo. Mas vou dar o livro ao pessoal da coluna Qual é a boa? Lá é o espaço adequado, curtinho, mas o único espaço cultural aqui na Folha Jovem, onde acho que daria para encaixar bem. Vamos ver se eles curtem, e se rende pelo menos uma chamada. Parabéns pelo livro e boa sorte na carreira.
Abraços, Maxuel*

*Oi, Cláudio,
aqui é o Pedro. Conforme combinamos por telefone, envio aqui o release e os dados sobre o livro e sobre o jornal que fazemos lá na faculdade de Letras.*

Espero que interesse ao Suplemento Universidade e que role alguma coisa. Estou torcendo!

Abraços, Pedro

*Pedro, querido,
foi um prazer falar com você e ficar conhecendo o livro e seu trabalho. Levarei o seu material para os editores e tenho certeza de que poderemos conseguir alguma coisa. Me passa seu tel? Esqueci de pedir quando nos falamos.*

Um abraço, Cláudio

Vitor,

o Cláudio, do Suplemento Universidade me ligou, para fazer a entrevista. Acho que foi muito boa. Parece que ele gostou. (Agora eu entendi o que você disse no jantar... Rsrtrs) Ele confirmou que provavelmente conseguirei a capa! A resposta tem sido bem melhor nos cadernos que não são de literatura — irônico, né? É mais fácil sair em caderno jovem, universitário, esotérico, de turismo, até em coluna social! Bem, mas legal que vai sair a matéria, né? Queria te contar melhor. Me liga.

Abraço, Pedro

*Olá, Cláudio,
recebi hoje cedo a edição do Suplemento Universidade. Fiquei muito contente com a matéria, com a capa e com a gentileza de terem vindo me entregar aqui com antecedência. Muito obrigado a todos vocês do Suplemento.*

Um abraço, Pedro Ícaro

Querido, Pedro,

que bom que gostou! Fico feliz, porque também adorei poder fazer a matéria. Seu trabalho é muito legal, e foi um prazer te conhecer. Vamos nos falando.

Um abraço, Cláudio

*Oi, Pedro,
vi o Suplemento Universidade e adorei a capa. Não posso dizer que me
surpreendi, pois o meu amigo Gabriel, que já foi a alguns shows com a gente, já
tinha visto e me mandado uma mensagem via celular logo de manhã dizendo: “o
Pedro tá na capa do Suplemento Universidade”. Parabéns para você por tudo e
ao Vitor, por tabela, pela ajuda! A capa é merecida, porque você é empreendedor
(e ainda apareceu com o Papel Almacão — dez!) e vai à luta mesmo. Conheço o
Cláudio, ele é muito do bem e tem um texto ótimo. A matéria ficou interessante.
Quanto ao Percurso do Oriente, acho que você já sabe, esse tema está cada vez
mais em evidência. Ou seja, não faltarão oportunidades de divulgar o livro na
mídia em breve.
Abraços, Mauro*

4.8 Mais de Plínio Rebelo

Quando pensamos em Pedro Ícaro e em suas dificuldades de inserção num circuito extremamente fechado, devemos levar em conta que ele ainda tinha alguma disposição para batalhar por espaços na imprensa, negociar orçamentos com editoras, articular contatos e conseguir convites. E isso tudo para o pouco resultado que conseguia. Agora, imagine quem não tem o mesmo espírito e a mesma disponibilidade para essas tarefas. O que acontece com os poetas que querem se concentrar em escrever, ou que não têm qualquer talento para a autopromoção? Não estará a nossa sociedade do espetáculo calando a voz daqueles que não “ficam bem na foto”, ou que simplesmente se recusam a “ser fotografados”?

Plínio Rebelo era um exemplo. E, no seu caso, somava-se à inaptidão para a mídia a sua alma rebelde e o seu conhecido sangue quente. Para Plínio, escritores como Pedro e Alice haviam decidido jogar conforme as regras em função do progresso no caminho literário — o que ele resumia com o termo “vendidos”. Pensar, negociar e divulgar, enfim, destravar os impasses eram funções para quem tinha alguma desenvoltura e muita paciência. E Plínio não tinha nenhuma! Zero disponibilidade para dançar conforme a música. E criticava tudo e todos em alto e bom tom. Comprava brigas, entrava em discussões, bebia mais do que devia e

praguejava. Por duas vezes foi expulso do bar próximo da faculdade por conta de suas gesticulações exacerbadas.

Alice ficava um pouco chateada, mas Pedro nem ligava. No fundo quem se remoia por dentro era o próprio Plínio. O sistema é mesmo muito injusto, e ele não passava de um menino com um bom coração. Era normal que pessoas sensatas se indignassem frente a esse mundo, tornando-se as mais insensatas de todas! Mas devemos deixar os loucos no rumo deles. Plínio saía para beber com Guilherme Zarvos e Branca Camargo. Para ele, teatro era Gerald Thomas e música, Lobão. Ou, então, ouvia grupos desconhecidos do movimento *underground*: grunge, metal, thrashcore, pós-punk, etc. Da literatura, ele ia abrindo mão a cada dia. Aos poucos, passou a ler apenas histórias em quadrinhos e poesia marginal. “Eu sou poeta, não sou promoter...”, dizia Plínio para Pedro. “É preciso renovar e questionar a cena, sempre.”

Da forma como se encontra estruturada hoje, nossa sociedade não vai muito longe, isso é sabido. Plínio repetia isso diariamente: “Porque isso tudo aí, isso tudo que vocês estão fazendo, não passa de uma grande palhaçada! Depois de algum tempo, na hora que a represa se romper, quando a nuvem explodir e tropejar em seu ouvido, na hora em que você gritar e ninguém ouvir, não vá dizer que os poetas loucos, inconvenientes, profetas rebeldes, não avisaram.” E completava: “E eu vou achar isso tudo maravilhoso”.

4.9

Vou-me embora pro Oriente Intercessor: Manuel Bandeira

A busca de Pedro Ícaro pelo Oriente, como um local idealizado não é fato inédito. O melhor exemplo de caso semelhante na poesia é Manuel Bandeira e sua Pasárgada, a outra civilização onde a existência é sempre uma aventura. Acompanhando a vida deste importante poeta, vemos que mesmo os mestres não escapam de sua fase de Pedro Ícaro, onde todo voo parece dar no mar. Vejamos um pouco de seu trajeto.

A princípio, não era ambição de Bandeira ser poeta, mas arquiteto. Escrevia versos com o mesmo espírito com que fazia uma caminhada. No ginásio, duas vezes desejou a publicidade. Da primeira, mandou um soneto à revista literária *Universal*, que não foi publicado. Pela caixa de respostas, o redator sentenciou:

“Seu soneto não está mau. Também não está bom. Enfim, continue!”. Da outra vez foi mais feliz, enviou outro soneto ao *Correio da Manhã*, e este foi publicado na capa, saciando sua fome de glória. Depois disso começou os estudos e pensou estar encerrada a idade dos versos. Mal sabia que, ao final do ano letivo, iria adoecer, abandonando os estudos para sempre. Os versos, que fazia por diversão, começaria a fazê-los por necessidade, por fatalidade.

Nos treze anos seguintes, forjou sua técnica, percebendo ser poeta menor, para quem o trabalho não seria fácil; teria de socar o metal precioso a duras penas. Logo compreendeu que a matéria da literatura são as palavras e não as ideias e os sentimentos. Como Pedro Ícaro, acreditava que as grandes lições vêm dos maus poetas, neles se acusa o que devemos evitar. Há poemas perfeitos, não há poetas perfeitos. Para ambos os poetas, as influências literárias são incontáveis. Foram sucessivas, mas não simultâneas. Por muitas fases passa alguém que lida com a escrita. E, além dessas, ainda existem as extraliterárias, as que vêm do desenho e da música. Isso sem falar das viagens, dos passeios, das diferentes casas e bairros em que se habita durante a vida.

Enfim, lançou seu primeiro livro de poemas, impresso nas oficinas do *Jornal do Comércio*, dirigidas por um homem gordo, bonachão e paciente com os poetas estrepantes que queriam subverter as normas tradicionais da tipografia. O livro *Cinza das Horas* foi um apanhado do que Bandeira tinha escrito de melhor até então. A tiragem, de apenas duzentos exemplares, custou trezentos mil-réis... Bons tempos! A publicação, que visava apenas dar-lhe a ilusão de não viver inteiramente ocioso, teve distribuição restrita a amigos e parentes. Mesmo assim, o livro chegou às pessoas certas, que o brindaram com notas e resenhas nos suplementos literários. A repercussão levou a convites para o segundo livro: *Carnaval* — este, um apanhado mais aleatório de poemas.

A nova publicação foi sua prova de fogo. Colheu elogios de Monteiro Lobato (na *Revista do Brasil*) e de nomes que admirava, como João Ribeiro e José Oiticica. E mais: seu poema *Os Sapos* foi bravamente declamado no Teatro Municipal por Ronald de Carvalho. Acabou, assim, tornando-se companheiro de uma geração pelo menos dez anos mais jovem. Publicou ainda um poema na revista modernista *Klaxon*, a pedido de Mário de Andrade. Um colega conseguiu fazer seu novo livro, *O Ritmo Dissoluto*, ser editado pela *Revista de Língua*

Portuguesa. Logo ele, autor de um poema com o verso “Abaixo a Revista de Língua Portuguesa”... (“Vendido!”, gritaria Plínio).

Em 1930, publicou, *Libertinagem*, notadamente modernista, com edição de 500 exemplares, custeada inteiramente pelo autor. A concepção da capa era de Bandeira, como nos dois primeiros livros. Como Pedro Ícaro, ele não se atinha apenas à escrita. Não desejava a imortalidade, mas sabia que a música ajudaria a eternizar alguns de seus versos. Por isso, gostava de ser musicado, traduzido e fotografado. Talvez, nesses gostos, houvesse o desejo de se conhecer melhor, sair para fora de si para olhar-se como objeto. Com o tom descontraído do novo livro, foi associado ao “espírito da piada”, o que lhe custaria caro, pois seu estilo ficou associado ao Modernismo, como se a obra desses autores não passasse de um apanhado de piadas. Disse Bandeira, que, do grupo, apenas Oswald de Andrade se exprimiu primordialmente por piadas. Mas isso, nele não era “modernismo”, e sim o seu modo peculiar de expressão. Quem, no entanto, negará a carga poética que pode haver em uma piada. E por que essa condenação da piada, como se a vida só fosse feita de momentos graves ou se só nestes houvesse teor poético?

Em 1936, aos cinquenta anos, Bandeira ainda não tinha público que atraísse um editor para os seus versos. *Estrela da Manhã* saiu em papel doado pelo amigo Luís Camillo de Oliveira Neto, a impressão custeada por subscritores. Declarou-se a tiragem de 57 exemplares, mas na verdade o papel só deu para 50. A Civilização Brasileira, para a qual traduzia, quis homenageá-lo editando *Crônicas da Província do Brasil* — não ousaria editar poemas. Como as pequenas edições do autor já estavam esgotadas, ele decidiu lançar por conta própria, uma seleção de *Poesias Escolhidas*. Percebeu como é difícil organizar uma antologia. No ano seguinte, a poesia lhe trouxe o primeiro provento material: 5 mil cruzeiros da Sociedade Felipe d’Oliveira. Incrível, mas verdade: aos 51 anos, nunca tivera até então tanto dinheiro. Só nove anos depois ganharia outro prêmio, do Instituto Brasileiro de Educação e Cultura. Esse era dez vezes maior, mas veio sem gerar a excitação da surpresa do primeiro. Mesmo assim, para continuar se mantendo, teve de aceitar tarefas em outros campos, como cargos públicos e o magistério, embora só na poesia andasse com alguma segurança.

Em 1940, eleito para a cadeira 24 da Academia Brasileira de Letras, viu-se em apuros para escrever o elogio ao seu antecessor, cuja obra jamais o havia

atraído. Sua amizade com diversos acadêmicos foi crucial para sua entrada na casa. Enfrentou suas ojerizas iniciais e encarou o fardão. A essa altura, foi necessário reeditar toda sua obra. Foi quando acrescentou aos versos já editados o novo *Lira dos Cinquent'Anos*, em que alguns já viam sinais de forte academicismo. Para ele, alguns dos poemas do livro eram reflexos de sua atividade como professor de literatura do Pedro II. A tiragem do novo livro foi de 2.000 exemplares que se esgotaram em quatro anos. Foi quando, pela primeira vez em sua vida, recebeu de uma casa editora proposta para publicação de seus versos. A editora foi a Americ-Edit., do francês Max Fischer. A edição foi de mais 2.000 exemplares em papel comum e mais 65 em papel de linho.

No período como imortal, ele conta que aprendeu muita coisa, e divertiu-se bastante. Nunca sentiu constrangimento em sua maneira de entender e praticar a poesia por conta de frequentar a Academia. Mas é bem verdade que, vez ou outra, viu os modernistas sendo malsinados em sessão pública. O sétimo livro de poemas, *Belo Belo*, foi publicado em 1948, como parte de uma nova edição das *Poesias Completas*. Seguiu-se o *Mafuá do Malungo*, com seus versos de circunstância. Vemos o lado brincalhão do poeta, onde a maior parte dos poemas é inspirada em nomes de amigos. Em seguida ainda vemos surgir, magrinho, o seu livro temporão, *Opus 10*.

Ao longo de toda sua vida, sempre acabou mantendo contato com gente nova, o que o fez envelhecer devagar. Quando caiu doente na juventude, ficou certo de que morreria em pouco tempo. Mas foi vivendo, morre-não-morre. Mais tarde, quando perguntou ao médico suíço que o tratava quantos anos ainda lhe restariam, ele respondeu: “O senhor tem lesões teoricamente incompatíveis com a vida. No entanto está sem bacilos, come bem, dorme bem, não apresenta, em suma, nenhum sintoma alarmante. Pode viver cinco, dez, quinze anos... Quem poderá dizer?”. Esperando a morte a qualquer momento, foi vivendo.

Foi assim que, incentivado por Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e João Condé, decidiu escrever suas memórias de poeta que tanto serviram a Pedro Ícaro, dando a ver que não só ele sofria em seu caminho de escrita. O mais interessante era ver como as memórias de uma pessoa poderiam servir às outras. Ele e seus amigos ainda estavam muito longe de uma ABL, ou qualquer coisa do tipo. Ou seja, seus problemas em financiar-se com literatura estavam longe de

acabar. Até que qualquer tipo de consagração e premiação passasse por perto, eles ainda teriam muito pela frente. Até lá, o jeito era mesmo ir-se embora para o Oriente, ou para outra Pasárgada qualquer.